

O QUE NUNCA TE DISSE

Jucely Regis dos Anjos Silva

Preciso falar do meu pai, de célio
das idas e voltas
do homem negro, pedreiro
orgulhoso na minha formatura
voltando a estudar aos cinquenta
construindo-desmoronando
projetos, sonhos, ilusões.
O pai que era ou foi ou é
carinho e abandono
poesia e silenciamento
cafuné e grito
inspiração e rivalidade
aprendizado, determinação
admiração, vergonha e medo.
Lembra do superpai desenhado na carta,
da música do Roberto cantada ao telefone?

Preciso falar da minha mãe, de maria
da vida inteira partilhada
da mulher negra, costureira, faxineira, dona de casa,
[educadora sem formação escolar
arrumando a lancheira da escola
dizendo comigo o abecedário
tirando a febre a chá e paciência
alinhavando-reparando-produzindo
sonhos, dores, desejos.

A mãe que foi e é, ou era
fragilidade e fortaleza
surra e afago
servidão e autonomia
rancor e solidariedade
nó na garganta e gargalhada
sabedoria, crescimento, cura.
Lembra do poema que te escrevi num Dia de Maio?

Preciso lembrar dos meus homens?
das promessas e das ladainhas?
dos dedos em riste, das vozes altivas, das acusações?
do ciúme, das perseguições, da humilhação?
dos dias que não pude ser, porque fui outra para um outro?
da frieza, da indiferença e da partida?
Dos afetos bons, da descoberta do desejo, dos caminhos do conhecer
das lágrimas partilhadas, da força duplicada
do descobrir-me descobrindo-o e vice-versa
do ocupar espaços, começando pela casa
do desenlace dos nós, da expansão do “nós”
dos sonhos e projetos e utopias

Preciso dizer do homem que me leu suspeita?
da mulher que me leu pedinte?
dos que me negaram a entrada, dos que me vedaram a saída?
dos que duvidaram e dos que torceram contra?
dos que até hoje ainda torcem a cara?
dos que previam, para mim, um caminho de vias restritas?

Posso dizer dos que fazem propaganda com nossa dor?
dos que filmam nosso pranto em close-up?
dos que tripudiam das nossas perdas?
dos que escalam por nossas cabeças?
dos sem nome, de sobrenomes europeus?
dos que derramam sangue inocente e se absolvem?
dos que nos matam com números e cifras e tornam a vida números e cifras?
dos que fazem cassino apostando o globo, a bola do jogo?
dos que nos roubaram o senso – de justiça, de Estado, de verdade, de história?
dos que difundem ignorância, tornada dinheiro, tornada voto?
dos que pregam intolerância, tornada arma, tornada escudo?
dos que cercaram, tomaram, dilapidaram, o direito e a vontade de viver?

Posso falar dos olhos vivos das minhas crianças?
As suas vozes: canto inaugural
A sala de aula: laboratório do hoje e do amanhã

Posso falar na língua que me diz e que me cala?
da língua que me é
autonomia e cárcere, láurea e peste?

Posso falar de amor, do ser, de flores?
Posso fazer um poema?
Posso chamar de...

Jucely Regis dos Anjos Silva

Professora do IFRN Lajes e doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, com estudos publicados sobre poesia brasileira contemporânea.